



DIÁRIOS DE USO DO TEMPO: UMA PROPOSIÇÃO QUALITATIVA PARA A APREENSÃO DO LAZER

TIME-USE DIARIES: A QUALITATIVE PROPOSITION FOR GRASPING LEISURE

Bruno Modesto Silvestre¹

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro²

Silvia Cristina Franco Amaral³

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em apresentar uma proposição, na perspectiva qualitativa, para a apreensão do tempo livre e das vivências de lazer a partir da utilização de diários de uso do tempo. Para tal, traz o histórico de algumas das iniciativas internacionais e as experiências encampadas no Brasil com essa temática. Do mesmo modo, em diálogo com uma experiência de pesquisa realizada junto a trabalhadores uberizados, faz o detalhamento da proposição em questão e apresenta os diários de uso do tempo utilizados. Argumenta-se que a utilização de diários de uso do tempo atrelada à realização de entrevistas se configura como uma possibilidade metodológica para a apreensão das diferentes esferas da vida cotidiana, entre elas o lazer, de diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: Trabalho; Tempo Livre; Lazer; Diários de Uso do Tempo.

Abstract: The objective of this article is to present a proposition, from a qualitative perspective, for the apprehension of free time and leisure experiences through the use of time-use diaries. To this end, it brings the history of some international initiatives and experiences undertaken in Brazil on this topic. Similarly, in dialogue with a research experience conducted with Uberized workers, it provides detailed information on the proposition in question and also presents the time-use diaries used. It is argued that the use of time-use diaries combined with interviews constitutes a methodological possibility for capturing different spheres of everyday life, including leisure, among different social groups.

Keywords: Work; Free Time; Leisure; Time-use.

1 Introdução

As pesquisas de uso do tempo são consideradas um importante instrumento para desvelar a organização temporal da vida cotidiana. Por meio delas, torna-se possível apreender a maneira como distintos grupos sociais alocam seu tempo no trabalho, no trabalho doméstico não remunerado, nos cuidados pessoais, nos deslocamentos, nas horas de estudos, nas práticas culturais, no tempo livre e em todas as demais atividades que compõem o dia a dia (Aguiar, 2011; Soares; Saboia, 2007). Além disso, à medida que os

¹ Doutor em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: bruno.modesto@upe.br

² Doutora em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: olivia@fef.unicamp.br

³ Doutora em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: scfa@unicamp.br



fatores sociais, econômicos e demográficos produzem impactos no processo de articulação entre os tempos sociais e as atividades desenvolvidas pelos seres humanos, os estudos de uso do tempo possibilitam, de acordo com Soares e Saboia (2007), a elaboração e implementação de políticas específicas para determinados grupos populacionais no que se refere à geração de empregos, ao direito à cidade, o acesso à cultura, saúde, lazer, entre outros.

As técnicas de aplicação de pesquisas de uso do tempo não apresentam um único padrão. Há variações em relação aos instrumentos de coletas de dados (diários de campo, questionários estruturados ou perguntas abertas), ao modo como a informação é captada (preenchimento por parte dos sujeitos investigados ou a realização de entrevistas rememorativas) e mesmo em relação ao formato da pesquisa (exclusivas sobre os usos do tempo ou as que também apresentam outras finalidades). Todavia, por via de regra, tais pesquisas se baseiam no registro e na mensuração das atividades desenvolvidas por uma população em um determinado recorte temporal (Aguiar, 2011; Szalai, 1972; *United Nations*, 2005).

Em relação aos estudos do lazer, as pesquisas de uso do tempo cumpriram um importante papel na observação desse fenômeno em larga escala. Dumazedier (2008), por exemplo, estabeleceu diálogo com pesquisas que analisaram o uso do tempo em diferentes países – como as capitaneadas pelo sociólogo Alexander Szalai (1972) –, e traçou paralelos entre o tempo de trabalho, cuidados e obrigações pessoais e o tempo de lazer de trabalhadores dessas localidades. Esses dados foram fundamentais para as bases de discussão da assim chamada sociologia empírica do lazer. Waichman (1997), por sua vez, sob a expressão “enquete orçamento tempo”, cita uma série de autores da primeira metade do século XX que dialogaram com essa técnica de pesquisa com a finalidade de aproximação com o lazer, incluindo neles o próprio Dumazedier.

No caso brasileiro, algumas experiências de investigação sobre os usos do tempo contribuíram para desvelar os tempos sociais que permeiam a atividade laboral e acabam por compor a jornada de trabalho como um todo, mesmo quando não remunerados. Além disso, quando incorporadas aos estudos sobre o trabalho feminino, forneceram dados empíricos sobre o trabalho doméstico não remunerado e outras atividades sem remuneração desempenhadas pelas mulheres fora do mercado de trabalho formal (Barbosa, 2018; Bruschini, 2006; Fontoura *et al.* 2010).

Apesar do Brasil não contar com uma pesquisa específica sobre os usos do tempo, algumas experiências pontuais e estudos pilotos traçaram projeções e indicações sobre



padrões de comportamento que servem de parâmetro para interpretações sobre a forma como a população do país organiza a sua dinâmica cotidiana. Além disso, pesquisas oficiais como a PNAD e PNAD Contínua⁴ podem fornecer dados significativos para se traçar tendências na alocação do tempo da população brasileira (Barbosa, 2018).

O fato é que os estudos de uso do tempo realizados no país, além de incipientes, estiveram centrados, em grande medida, na apreensão das atividades vinculadas à esfera do trabalho, sejam elas remuneradas ou não, e baseados em pesquisas que se utilizam de dados amostrais. Se, por um lado, recortes dessa natureza fornecem um rico material para a análise geral da alocação dos tempos sociais de uma determinada população; por outro, as especificidades e as compreensões de mundo dos sujeitos investigados são pouco tematizadas. Em vista disso, torna-se pertinente a realização, de forma paralela e complementar, de estudos de abordagem qualitativa que colaborem para o preenchimento de lacunas que as pesquisas que trabalham com a análise de dados de grandes grupos populacionais não se propõem a interpretar (Cyrino, 2011).

Nesse sentido, é possível identificar trabalhos com recorte qualitativo que consideram a utilização dos diários de uso do tempo, em conjunto com outras técnicas de pesquisa, para a apreensão da forma de organização temporal de diferentes grupos sociais. Cyrino (2011), por exemplo, ao investigar os usos do tempo de mulheres executivas, emprega, a partir de uma metodologia mista, diários de uso do tempo, questionários e entrevistas com a finalidade de apreender a percepção do grupo pesquisado sobre as suas alocações de tempo. Cardoso (2007), por sua vez, utilizou de diários de usos do tempo e de entrevistas semidiretivas na investigação das vivências temporais de trabalhadores da Volkswagen do Brasil na região do ABC, no estado de São Paulo. Na mesma toada dos referidos estudos, Silvestre e Amaral (2019) mobilizaram esse instrumento de forma complementar a entrevistas semiestruturadas para a análise da relação entre trabalho, tempo livre e lazer de professores da rede estadual paulista de educação.

A partir dessas considerações, compreende-se que a utilização de diários para registro do uso do tempo, alinhados à realização de entrevistas, viabiliza um olhar para a especificidade da construção e da organização dos tempos sociais do grupo que está sendo observado. O uso conjunto de tais técnicas de pesquisa, além de proporcionar a

⁴ A PNAD, de periodicidade anual, foi encerrada no ano de 2016, com a divulgação dos dados referentes a 2015. Tal pesquisa foi substituída pela PNAD Contínua, de cobertura territorial mais abrangente e que disponibiliza informações conjunturais trimestrais referentes à força de trabalho em âmbito nacional. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/19897-sintese-de-indicadores-pnad2.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 02 fev. 2024.



compreensão do tempo dedicado ao trabalho como um todo, abarcando o tempo de deslocamento, a preparação/manutenção dos meios de trabalho e o período de espera/pausa entre diferentes tarefas, traz à tona, com maior riqueza de detalhes, as atividades desenvolvidas nas demais esferas da vida cotidiana, possibilitando, assim, a apreensão da dinâmica do tempo livre e as atividades de lazer em maior profundidade.

Frente a esses elementos, o objetivo deste artigo é apresentar uma proposição, na perspectiva qualitativa, para a apreensão do tempo livre e das vivências de lazer de diferentes grupos sociais a partir da utilização de diários de uso do tempo alinhados à realização de entrevistas semiestruturadas. Para tal, o artigo encontra-se organizado, além desta introdução e das considerações finais, em mais duas seções. A primeira, com o intuito de situar os estudos de uso do tempo, traz o histórico de algumas das iniciativas internacionais e as experiências com essa temática encampadas no Brasil. A segunda seção, por sua vez, em diálogo com uma experiência de pesquisa realizada junto a trabalhadores uberizados⁵, é dedicada ao detalhamento dos diários de uso do tempo e à apresentação da proposição em questão.

2 As iniciativas de estudos sobre o uso do tempo e as experiências realizadas no Brasil nas últimas décadas

Ao passo em que os ritmos temporais são influenciados pela realidade histórica, os estudos sobre os usos do tempo permitem identificar, segundo Aguiar (2011), os impactos da ordem econômica, da estrutura política e das distintas formas de organização e produção da cultura em escala internacional⁶. As primeiras iniciativas que investigaram o uso do tempo, segundo Araya (2003), ocorreram do início do século passado em países da Europa e nos Estados Unidos e miraram a compreensão dos modos de vida da população urbana e rural. Já o primeiro grande estudo multinacional foi iniciado em 1966 e publicado no livro *The Use of Time* (Szalai, 1972). O estudo contou com a participação de pesquisadores de 12 países diferentes: sete que compunham o bloco socialista, de economia planificada, entre eles Hungria, Polônia, Bulgária, Alemanha Oriental, Iugoslávia, Tchecoslováquia, além da própria União Soviética; quatro países de organização capitalista industrial, como Estados Unidos, França, Bélgica e Alemanha

⁵ Trata-se da pesquisa de doutorado intitulada “Eu trabalho no meu tempo livre”: lazer e cotidiano sob a uberização – quando o trabalho toma conta da vida (Silvestre, 2023).

⁶ O domínio do *Multinational time use study* (MTUS) disponibiliza dados de 30 países sobre os usos do tempo das últimas cinco décadas. Disponível em: <https://www.timeuse.org/mtus>. Acesso em: 10 fev. 2024.



Ocidental; e um país do até então chamado terceiro mundo, o Peru (Aguiar, 2011; Araya, 2003).

A grande questão desse projeto internacional, de acordo com Aguiar (2011), foi a análise, em perspectiva comparada, da qualidade e dos modos de vida da classe trabalhadora. O intuito, portanto, não era apenas a aferição do tempo de trabalho, mas, sob uma lógica tripartite, realizar uma investigação que também possibilitasse a apreensão do tempo livre – ou do lazer como seu principal componente – e dos cuidados pessoais das populações estudadas (Aguiar, 2011).

A investigação de Szalai e colaboradores também contribuiu para a elaboração da primeira tipologia de códigos de atividades para a análise das atividades diárias e dos usos do tempo. Os 90 códigos sistematizados nessa primeira grande incursão influenciaram os esforços de desenvolvimento de pesquisas específicas sobre o uso do tempo em muitos países – as *National Time Use Surveys* – e, da mesma maneira, serviram como balizadores para o desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados por parte das divisões estatísticas de organismos internacionais (MTUS, 2020). Esse é o caso da *International Classification of Activities for Time Use Statistics* (Icatus), desenvolvida pela divisão de estatística da Organização das Nações Unidas (ONU); do *Harmonised European Time Use Surveys* (Hetus), desenvolvido pela Eurostat; e da Classificação de Atividades de Uso do Tempo para a América Latina e Caribe (Cautal), elaborada pela Cepal (Cepal, 2016; MTUS, 2020; *United Nations*, 2005).

A Icatus foi desenvolvida tendo em vista as recomendações da Plataforma de Pequim, fruto do debate ocorrido na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em 1995. A classificação internacional sobre o uso do tempo tem como um de seus objetivos oferecer uma plataforma unificada, com possibilidade de adequações à realidade de cada Estado nação, para a avaliação das diferenças entre mulheres e homens em relação ao trabalho remunerado e não remunerado (Barajas, 2016; *United Nations*, 2005).

Após a convocação de um corpo de especialistas pela divisão de estatística da ONU no ano de 1997, foi elaborado um esboço para essa classificação internacional de atividades do uso do tempo. Já no ano 2000, com a experiência e adaptações dos países que aplicaram o desenho inicial da pesquisa e com a recomendação da segunda reunião de especialistas, foi publicado o guia para a produção de estatísticas sobre o uso do tempo e a versão revisada do Icatus para utilização em escala internacional (*United Nations*, 2005). Tendo a sua última versão atualizada em 2016, a Icatus permite agrupar as atividades desenvolvidas ao longo das 24 horas de um dia em nove divisões principais.



As cinco primeiras abrangem diferentes formas de trabalho e demais obrigações familiares ou sociais, já as demais dizem respeito às atividades realizadas no âmbito da vida pessoal (*United Nations*, 2021).

No Brasil, conforme mencionado, não há uma pesquisa que aborde especificamente o uso do tempo da população⁷. Entretanto, foram realizadas algumas experimentações ao longo das últimas décadas, como os estudos piloto do IBGE e a inserção de quesitos que buscavam captar elementos com esse teor em pesquisas mais amplas, como na PNAD e na PNAD Contínua, organizadas pelo próprio instituto. Além disso, algumas investigações foram encampadas por pesquisadores vinculados às Universidades Públicas brasileiras. O quadro abaixo demonstra algumas dessas experiências:

Quadro 1: Experiências brasileiras que dialogam com pesquisas sobre o uso do tempo

Pesquisa	Ano	Detalhamento
Pesquisa Nacional por amostra de domicílios	1982	Na PNAD de 1982 o IBGE realizou questões sobre atividades físicas, tempo em frente à televisão, realização de afazeres domésticos, tempo normalmente trabalhado por semana e horário de início e término das aulas para os estudantes (Soares; Saboia, 2007).
Pesquisa Nacional por amostra de domicílios	1992	A partir de 1992 o IBGE incorporou à PNAD quesitos sobre o cuidado com afazeres domésticos (Cavalcanti; Paulo; Hany, 2010; Soares; Saboia, 2007).
Pesquisa Padrões de Vida (PPV)	1996/1997	A pesquisa sobre os padrões de vida apresentou um bloco sobre o uso do tempo, com perguntas relacionadas ao tempo dedicado ao trabalho remunerado, afazeres domésticos, trabalho comunitário, tempo despendido em estabelecimento de ensino e tempo gasto com transporte (Soares; Saboia, 2007).
Pesquisa Nacional por amostra de domicílios	2001	No ano de 2001, o IBGE acrescentou uma pergunta relacionada ao tempo médio dedicado semanalmente aos afazeres domésticos (Barbosa, 2018).
Pesquisa sobre o uso do tempo entre os moradores dos bairros de Andaraí, Grajaú e Vila Isabel	2001	Tal pesquisa foi realizada na cidade do Rio de Janeiro como parte do curso de desenvolvimento de habilidade da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE. Foi usada a versão simplificada da Icatús e a coleta de dados adotou a técnica de entrevistas rememorativas (Barbosa, 2018; Soares; Saboia, 2007).
Pesquisa de uso do tempo de Belo Horizonte	2001/2002	Realizada em Belo Horizonte no início dos anos 2000, a pesquisa coordenada por Neuma Aguiar contou com

⁷ Apesar dessa ausência, vale frisar que a preocupação com essa temática fez com que o IBGE sediasse, no ano de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, o Seminário Internacional “Pesquisas de uso do tempo: aspectos metodológicos e experiências internacionais”, evento que compunha o projeto “Uso do tempo e trabalho não remunerado das mulheres no Brasil e Cone Sul”, capitaneado pelo Fundo das Nações Unidas para a Mulher (Barbosa, 2018; Soares; Saboia, 2007).



		uma amostra probabilística de 400 domicílios, sendo que os participantes preencheram dois diários sobre o uso do tempo, um para algum dia da semana e outro para sábado ou domingo (Aguiar, 2011).
Pesquisa sobre o uso do tempo como suplemento no teste da PNAD Contínua	2009/2010	O teste com a pesquisa sobre o uso do tempo ocorreu na também fase de testes da PNAD Contínua, em uma subamostra em cinco unidades da federação: Distrito Federal; Pará; Pernambuco; Rio de Janeiro e São Paulo. Teve como base a Icatús de 2005 e, para a coleta de dados, foram utilizados os diários sobre o uso do tempo (Barbosa, 2018; Cavalcanti; Paulo; Hany, 2010).
Pesquisa sobre o lazer do brasileiro	2012 a 2014	A pesquisa, realizada com 2400 pessoas entre os anos de 2012 e 2014 nos 26 Estados e no Distrito Federal. Os principais resultados foram publicados no livro intitulado “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas” (Stoppa; Isayama, 2017). Apesar de não se configurar especificamente como uma investigação sobre os usos do tempo, a pesquisa sobre o lazer do brasileiro trouxe importantes apontamentos sobre a organização da vida, a dimensão temporal e as vivências de lazer da população, com recortes etários, de classe, gênero e raça.
Pesquisa Nacional por amostra de domicílios Contínua	2012 a 2015	Entre 2012 e 2015 o IBGE buscou refinar a coleta de dados sobre o uso do tempo na PNAD Contínua. Assim, foram inseridas questões sobre “outras formas de trabalho”, assentadas sobre três pilares: (1) trabalho voluntário; (2) trabalho em cuidados de pessoas (crianças ou pessoas que necessitavam de cuidados especiais); (3) trabalho em afazeres domésticos (Barbosa, 2018).
Pesquisa Nacional por amostra de domicílios Contínua	2016 em diante	A partir do 4º trimestre de 2015 os quesitos sobre outras formas de trabalho foram reformulados para aprimorar a captação de informações na PNAD Contínua. Juntamente a isso, essas perguntas foram transferidas da 1ª para a 5ª visita ao domicílio. Tais alterações causaram efeito na comparabilidade com os indicadores anteriores, o que fez com que fossem divulgados os resultados apenas a partir de 2016 (IBGE, 2020).

Fonte: Elaboração própria a partir de Aguiar (2011), Barbosa (2018), Cavalcanti, Paulo e Hany (2010), IBGE (2020), Soares e Saboia (2007), Stoppa e Isayama (2017).

Apesar de incipientes, tais pesquisas colaboraram para identificar tendências na alocação de tempo da população brasileira nos últimos anos. Aguiar (2011), por exemplo, cruzou as bases de dados de duas investigações sobre o uso do tempo realizadas no país: a primeira, organizada em moldes similares à pesquisa de Szalai e colaboradores, realizada em 1970 por Amaury de Souza, no então Estado da Guanabara; a segunda, a pesquisa de uso do tempo de Belo Horizonte, organizada pela própria pesquisadora, no



ano de 2001. A diferença mais marcante da organização do uso do tempo entre a pesquisa de 1970 e a de 2001 está justamente na relação entre a quantidade de horas despendidas no trabalho e as demais atividades da vida cotidiana, já que foi identificado o aumento considerável das atividades remuneradas e uma redução do tempo livre⁸ (Aguiar, 2011).

Mais recentemente, Barbosa (2018), ao realizar uma pesquisa longitudinal com os dados da PNAD entre os anos de 2001 e 2015, observou a redução das horas de trabalho entre as mulheres e entre os homens⁹. A autora argumenta que essa redução apresenta diferentes raízes, para as mulheres ela ocorre majoritariamente pela redução das horas dedicadas aos afazeres domésticos, já para os homens, pela redução das horas na própria esfera do trabalho remunerado.

Com o entendimento de que trabalho e lazer não são fenômenos antagônicos, mas que se influenciam mutuamente (Padilha, 2003), é esperado que a redução, mesmo que gradual, da jornada de trabalho formal e do trabalho doméstico não remunerado traga reflexos para o tempo livre e ao tempo destinado ao lazer. Nesse sentido, a comparação dos dados das PNAD de 2001 e 2015 demonstra a ampliação do que Barbosa caracterizou como horas de lazer¹⁰. Para isso, a autora adotou uma noção residual de tempo de lazer, isto é, um período de tempo não dedicado ao trabalho remunerado, ao trabalho doméstico não remunerado (afazeres domésticos) e ao deslocamento casa-trabalho (Barbosa, 2018). Apesar de não apresentar elementos específicos que possibilitem a delimitação precisa do lazer, as variáveis da PNAD sistematizadas pela autora colaboram para um entendimento geral da distribuição temporal da população brasileira, sobretudo na equação tempo de trabalho e de não trabalho.

⁸ Ao passo que nos anos 1970 a população estudada trabalhava, em média, 215 minutos (3,6 horas) por dia e dedicava 351 minutos (5,8 horas) às atividades de tempo livre, no ano de 2001, a relação se inverteu, a maioria do tempo diário passou a ser alocado para o trabalho, com a média de 366 minutos (6,1 horas), já o tempo livre foi reduzido para 239 minutos (cerca de 4 horas). Como destacado pela autora, o tempo de trabalho mensurado não se aproxima da “jornada padrão” até então regulamentada pela CLT, de 8 horas diárias. Isso ocorre, pois, em tal recorte, há a presença de toda a população estudada, incluindo jovens, idosos e pessoas desocupadas. De todo modo, a média de horas de trabalho e tempo livre de toda a população serve como parâmetro para a mensuração da alocação do tempo ao longo dos anos (Aguiar, 2011).

⁹ A despeito dessa redução, Campos (2012), ao também discutir os dados da PNAD, demonstra que, em 2009, cerca de um terço dos ocupados no Brasil ainda trabalhavam mais horas do que o previsto no texto constitucional, ou seja, 45 horas ou mais por semana. Entre 1992 e 2001, a porcentagem de trabalhadores com excessiva jornada foi reduzida de 44,2% para 43,9% e, entre 2001 e 2009, de 43,9% para 33,6%. Isso demonstra que o limite constitucional de 44 horas semanais funcionou como uma referência para a população ocupada no país. Todavia, permanece alto para parte considerável da população ocupada (Campos, 2012).

¹⁰ Entre os homens, o tempo dedicado ao lazer aumentou de 119 horas para 123 semanais e, para as mulheres, de 114 horas para 121 horas semanais (Barbosa, 2018).



Em suma, mesmo sem pesquisas específicas sobre os usos do tempo no Brasil, é possível apreender alguns dos movimentos gerais da dinâmica cotidiana, sobretudo o tempo relacionado à jornada laboral. Nesse sentido, após um primeiro momento de crescimento da quantidade de horas de trabalho ocorrido entre 1970 e 2000, observa-se, a partir da primeira década do século XXI, uma redução do tempo de trabalho e uma tendência de crescimento do tempo livre. Todavia, a constituição do tempo livre não é a mesma para as distintas classes sociais, tampouco entre os setores da classe trabalhadora (Campos, 2012; Neubert, 2013; Silvestre; Amaral, 2019). Além disso, conforme destacado na introdução, as pesquisas longitudinais sobre o uso do tempo não propõem um olhar em profundidade para a realidade social dos sujeitos investigados. Em vista desses elementos, se faz pertinente a realização de pesquisas que abordem a especificidade da organização temporal de diferentes grupos sociais. Essa é justamente a proposição realizada na próxima seção deste artigo.

3 Diários de usos do tempo como instrumento para a apreensão do lazer a partir de uma abordagem qualitativa

Foi frisado que as experiências de pesquisas sobre o uso do tempo no Brasil estiveram centradas, em grande medida, na esfera do trabalho. Não é por menos, a atividade laboral se conforma historicamente como a que mais ocupa o tempo de vida das pessoas. Esse é um dos apontamentos da pesquisa sobre o lazer dos brasileiros, que, ademais, salienta a amplitude da esfera do trabalho na vida de homens e mulheres do país, sendo essa a atividade que mais concorre e impõe restrições às vivências de lazer (Silva; Moreno; Veraldo, 2017).

O trabalho assume, de fato, grande centralidade nas análises da organização temporal cotidiana. Isso ocorre não apenas pelo dispêndio de tempo com o labor. Muito além disso, a categoria trabalho é um princípio ontológico fundamental para a compreensão de qualquer fenômeno social, central, portanto, para a apreensão do lazer (Marcassa, 2003; Padilha, 2000; Peixoto, 2007). Nessa perspectiva, trabalho e lazer, apesar de serem categorias distintas, não podem ser interpretadas como opostas ou analisadas de forma isolada. Tais atividades compõem, cada qual à sua maneira, a organização temporal na vida moderna¹¹.

¹¹ A despeito dos diferentes entendimentos e dos debates que ainda permeiam o campo teórico em questão, o lazer é aqui entendido como um fenômeno típico da modernidade (Marcassa, 2003; Mascarenhas, 2003; Padilha, 2003).



Ao passo que ambas as categorias estão intrinsecamente relacionadas e que é nítida a existência de uma parcela de tempo associada ao trabalho, decerto que o lazer também se manifesta a partir de uma noção de tempo historicamente construída, o assim chamado tempo livre. A noção de tempo livre, portanto, soma-se às categorias trabalho e lazer na composição dos diferentes tempos sociais. Não há neste artigo a intencionalidade de esmiuçar a discussão sobre o tempo em que o lazer ocorre. No entanto, é importante destacar que esse debate já dispôs de grande atenção no campo dos estudos do lazer, a exemplo da conceitualização em torno da expressão tempo livre e das demais concepções de tempo, como tempo de não trabalho, tempo livre de trabalho, tempo residual, tempo liberado, tempo conquistado, tempo disponível, entre outras (Gomes, 2004).

Essas diferentes terminologias não dizem respeito, pura e simplesmente, a uma questão semântica, mas sim a conceitos que expressam diferentes perspectivas teóricas e leituras de mundo. De todo modo, a despeito das distintas interpretações, todas elas identificam o lazer como um fenômeno que se manifesta na parcela de tempo não coincidente ao tempo de trabalho. Nesse aspecto, corrobora-se a formulação de Dumazedier (2008), segundo o qual o tempo livre pode ser compreendido como uma espécie de invólucro para diversas atividades do tempo de não trabalho, entre elas o lazer. Da mesma forma, vale salientar a argumentação de Marcassa (2002), que entende o tempo livre como aquele liberado do trabalho, uma parcela de tempo exterior ao processo produtivo, sendo o lazer uma das manifestações relacionadas a essa dimensão¹².

A partir desses elementos, torna-se patente afirmar, por mais que a categoria trabalho tenha grande centralidade, que a análise das demais esferas da vida também se mostra fundamental para a compreensão da organização temporal cotidiana. Todavia, o acesso à dinâmica de vida no tempo livre mostra-se desafiadora. Essa foi a constatação realizada a partir da experiência de pesquisa com motoristas e entregadores uberizados (Silvestre, 2023). No caso desses trabalhadores¹³, foi encontrada dificuldade de acessar as informações relativas ao tempo livre e ao lazer apenas com a realização de entrevistas

¹² Apesar das ambiguidades e contradições que a terminologia tempo livre possa aventar, ela é aqui utilizada com o entendimento de que nada é realmente livre sob a realidade imperativa do trabalho estranhado, característica central do metabolismo social do capital (Padilha, 2000). Ademais, também vale destacar a argumentação de Mascarenhas (2003, p. 16), segundo o qual: “A definição de tempo livre não pode estar baseada na opção de escolha ou livre iniciativa, no voluntarismo ou espontaneísmo, muito menos no prazer ou desejo individualista contido na possibilidade de cada um fazer o que quer”. Embora o caráter subjetivo não deva ser desprezado, ainda para o mesmo autor, a noção de tempo livre deve considerar a realidade material e a sua concreta objetivação (Mascarenhas, 2003).

¹³ Na referida pesquisa foram entrevistados 80 trabalhadores uberizados, 12 no estado de São Paulo, nas cidades de Campinas e São Paulo, e 68 na cidade do Recife. Nesse último caso, também foi utilizado de diários de uso do tempo como instrumento de pesquisa (Silvestre, 2023).



semiestruturadas. A constatação mais imediata esteve no fato de motoristas e entregadores uberizados terem muito mais a falar sobre a dinâmica de trabalho do que sobre a vida fora dele. Decerto que a própria condição objetiva do trabalho subordinado às plataformas digitais impõe dificuldades para que os interlocutores consigam precisar onde começa e onde termina a atividade laborativa, assim, além da difícil mensuração do tempo de trabalho, foi ainda mais desafiadora a identificação do que lhes resta de tempo livre (Silvestre, 2023).

A solução encontrada frente a essa aferição foi a utilização de diários de uso do tempo alinhados à realização de entrevistas semiestruturadas. Avalia-se, contudo, que o desafio para a apreensão dos diferentes tempos sociais não é exclusividade de pesquisas com trabalhadores subordinados às plataformas digitais ou com outras ocupações que carecem de regulação trabalhista.

A organização dos tempos sociais sempre foi permeada por intensos processos de disputas e lutas políticas. Nesse sentido, se nas disputas entre capital e trabalho a imposição por parte dos detentores e gestores do capital historicamente apontava para uma separação cada vez mais acentuada entre os tempos e espaços de trabalho e de não trabalho, observa-se, a partir da década de 1990, uma grande pressão para a flexibilização desses tempos sociais, um processo que impele a reaproximação e a indefinição sobre trabalho e não trabalho (Cardoso, 2017). Não se trata de uma volta ao passado, mas a combinação de novos e antigos métodos de exploração do trabalho. Em tal cenário, afora a flexibilização, a intensificação e o aumento da jornada, identifica-se a crescente fragmentação e a individualização da parcela de tempo dedicada ao trabalho, assim como o surgimento de “novos” tempos dedicados à atividade laborativa. Esses “novos” tempos abrangem, segundo Cardoso (2017), todas as atividades direta ou indiretamente vinculadas ao trabalho que, além de não serem contabilizadas e, por consequência, não remuneradas, causam desgastes e desorganizam as demais esferas da vida social.

Ao se considerar, desse modo, as pressões sobre o tempo laboral e demais tempos sociais, especialmente à luz das recentes modificações no mundo do trabalho, a utilização de diários de uso do tempo alinhado à realização de entrevistas, configura-se como uma possibilidade metodológica para a apreensão das diferentes esferas da vida cotidiana, entre elas o lazer. Mais do que isso, o emprego desses instrumentos, além de propiciar um quadro mais preciso da dinâmica temporal, possibilita ao pesquisador, na perspectiva de investigação qualitativa expressada por Padilha (2021), dedicar-se à escuta atenta, à observação dos comportamentos e dos gestos dos sujeitos investigados.



Conforme destacado por Aguiar (2011), não há um único padrão estabelecido para as pesquisas de uso do tempo. Elas podem ser realizadas por meio de entrevistas rememorativas ou pelo preenchimento de diários de uso do tempo. Em ambos os casos, podem ser abarcados o período de uma semana, um dia típico de trabalho e um dia de descanso, ou apenas um dia típico de trabalho. Na pesquisa com os uberizados, por conta das condições objetivas de trabalho, optou-se pela aplicação dos diários de uso do tempo no momento de realização das entrevistas.

Assim, o preenchimento dos diários ocorreu em momentos específicos, previstos nos roteiros de entrevistas. Esses roteiros¹⁴, no caso da pesquisa com os motoristas e entregadores uberizados, foram organizados em cinco blocos: (1) dados pessoais; (2) características do trabalho; (3) dinâmica do trabalho; (4) usos do tempo fora do trabalho; (5) finalização da entrevista. O preenchimento do diário para o dia típico de trabalho e para o dia de descanso ocorreu no interim dos blocos três e quatro, no momento dos diálogos sobre a dinâmica do trabalho e sobre os usos do tempo fora da atividade laborativa.

Os diários contemplaram um dia típico de trabalho e o último dia de descanso. Neles, os participantes descreveram sua rotina ao longo de 24 horas, em intervalos de 15 minutos, indicando, caso mais de uma atividade tenha sido realizada ao mesmo tempo, qual a prioritária, conforme modelo apresentado na imagem 1. Foi solicitada a descrição das 24 horas de atividades de dois dias diferentes da semana: primeiro, em relação ao dia de trabalho da própria entrevista; na sequência, de forma rememorativa, em relação ao último dia de descanso¹⁵. Não foi pedido, necessariamente, o preenchimento de um dos dias do final de semana, como habitualmente é feito em pesquisas de uso do tempo, pois, diferentemente de outras categorias profissionais, sábado e domingo são dias prioritários de trabalho para quase a totalidade dos motoristas e entregadores uberizados.

¹⁴ O roteiro de entrevista com os motoristas uberizados contou com 32 perguntas e o roteiro com os entregadores com 33.

¹⁵ No caso dos trabalhadores investigados, foi considerado dia de descanso aquele em que o trabalhador não se conectou a nenhum aplicativo para a realização de entregas ou para transporte de passageiros.



Imagem 1: Modelo de diário de uso do tempo

INVENTÁRIO SOBRE OS USOS DO TEMPO							
Data:	Dom ()	Seg ()	Ter ()	Qua ()	Qui ()	Sex ()	Sáb ()
Intervalo de Hora	Atividades Desenvolvidas – Assinalar a atividade prioritária em caso de mais de uma						
	1/4 de Hora	2/4 de Hora	3/4 de Hora	4/4 de Hora			
00h às 1h							
1h às 2h							
2h às 3h							
3h às 4h							
4h às 5h							
5h às 6h							
7h às 8h							
8h às 9h							
9h às 10h							
10h às 11h							
11h às 12h							
12h às 13h							
13h às 14h							
14h às 15h							
15h às 16h							
16h às 17h							
17h às 18h							
18 às 19h							
19h às 20h							
20 às 21h							
21h às 22h							
22h às 23h							
23h às 24h							

Fonte: elaboração própria

Após a sistematização dos elementos presentes nos diários, as atividades foram organizadas tendo como referência a classificação da Icatu 2016, considerando os oito agrupamentos identificados e suas subdivisões: (1) trabalho e atividades relacionadas; (2) produção de bens para uso próprio; (3) serviços domésticos não remunerados na própria residência ou para familiares; (4) serviços de assistência não remunerados na própria residência ou para familiares; (5) trabalho voluntário, estágio e outros trabalhos não remunerados; (6) educação; (7) socialização e comunicação, envolvimento comunitário e prática religiosa; (8) cultura, lazer, mídia e práticas esportivas e (9) necessidades básicas e cuidados pessoais (United Nations, 2021 – tradução própria).



Cada um desses agrupamentos apresenta subdivisões. Essa divisão, no caso do agrupamento oito, “cultura, lazer, mídia e práticas esportivas”, tornou possível, em conjunto com os elementos apreendidos na entrevista, analisar as vivências de lazer dos trabalhadores investigados, sendo essas elencadas da seguinte forma: (81) participação e visitas a eventos, locais culturais e entretenimento esportivo; (82) participação cultural, hobbies, jogos e outras atividades e passatempos; (83) práticas esportivas e atividades físicas; (84) consumo de mídia de massas; (85) atividades associadas à reflexão e descanso; (86) tempo deslocamento nas atividades do subgrupo; (89) outras atividades relacionadas ao subgrupo (*United Nations*, 2021 – tradução própria).

A Utilização da categorização Icatu não teve o objetivo central de quantificar as horas de cada um dos agrupamentos, mas sim o de aprofundar o diálogo com o entrevistado na compreensão dos elementos que perpassam o seu dia a dia, conforme exemplos que serão explicitados à frente. Nesse sentido, a sistematização das vivências cotidianas a partir da referida classificação colaborou, para além de trazer elementos diretos sobre a dinâmica de trabalho, tempo livre e lazer, para o posterior processo de análise das entrevistas.

À medida que se torna patente afirmar que as longas jornadas de trabalho são uma característica marcante entre os uberizados, vale frisar que a sua duração não está mais relacionada às determinações e limites legais ou às condições humanas, mas, sim, à necessidade de ganho a ser obtido na atividade desempenhada (Abílio, 2020). Desse modo, as horas de trabalho sistematizadas nos diários de uso do tempo corroboraram o fato já amplamente discutido na literatura pertinente de que muitos uberizados que trabalham horas a fio para a obtenção de valores que garantam a mínima condição de subsistência.

Os diários de uso do tempo, entre outros elementos, foram instrumentos de grande valia para a precisão do relato sobre o tempo de trabalho e sobre as atividades de lazer. Além da referida constatação dos entrevistados terem mais a falar sobre a dinâmica de trabalho do que sobre o tempo livre, mostrou-se recorrente encontrar trabalhadores que subestimavam suas horas de trabalho e superestimavam o tempo livre e as horas de lazer do que o realmente observado na quantidade de horas descritas nos diários.

Nesse sentido, os diários contribuíram para o processo de identificação dos demais tempos de trabalho entre os motoristas e entregadores investigados. Segundo Cardoso (2017), esses tempos são aqueles dedicados à necessidade de qualificação frente às mudanças nos processos de trabalho; os tempos de transporte; os de sobreaviso e todos



os demais tempos à disposição do empregador. No caso dos trabalhadores uberizados, esses tempos também são ocupados por tarefas de manutenção no instrumento de trabalho, espera entre uma corrida e outra e todos os demais tempos à disposição das plataformas digitais e de difícil mensuração. Parte constitutiva das longas jornadas dos trabalhadores uberizados, e também presentes nos dias que deveriam ser dedicados às demais dimensões da vida, o fato é que esses demais tempos dedicados ao trabalho estão diretamente vinculados à atividade laborativa, porém, além de não serem compreendidos como trabalho, não são compensados, tampouco remunerados. Assim, esse instrumento de pesquisa também colaborou para identificar os dias que deveriam ser de descanso, mas que são perpassados pelo trabalho, vide os dois exemplos abaixo:

Um dos entregadores entrevistados, nominado de Fábio (Entregador em Motocicleta) tem sua escala de trabalho fixada das 11h às 15h e das 18h à meia-noite, das quartas às segundas-feiras. Fábio relatou no início da entrevista que sua folga ocorre às terças-feiras, contudo, à medida que percorre mais de mil quilômetros na semana de trabalho, dedica parte do seu “dia de descanso” para a troca de óleo da motocicleta, limpeza e outras manutenções necessárias ao seu instrumento de trabalho.

Rotina similar foi observada entre os motoristas. Davi relatou não trabalhar às segundas-feiras, por considerar um dia de pouco movimento e por querer ter um momento para se dedicar à família. Todavia, quando foi pedido o detalhamento do seu último dia não conectado aos aplicativos para o preenchimento do diário, foi notado que parte importante do tempo foi empregado na limpeza e na manutenção do veículo.

Pesquisador: A última segunda-feira, então, como ela foi?

Entrevistado: Nessa eu saí pra resolver os problemas do carro.

Pesquisador: Que horas você saiu e que horas você acordou?

Entrevistado: Acordei era umas 10h30. Fui resolver os problemas dos carros era umas 11h15.

Pesquisador: E foi até que horas?

Entrevistado: Cheguei em casa umas 18h.

Pesquisador: Foi o dia todo então?

Entrevistado: Isso, o dia todo nisso na segunda-feira (Davi – Motorista).

A consequência de um labor precário, intenso e sem nenhuma forma de regulação, acarreta a quase inexistência de tempo livre para muitos dos trabalhadores em um dia típico. Além disso, ao se analisar a distribuição temporal daqueles trabalhadores que têm pelo menos um dia de folga, foi evidente que apenas dois grupos de atividades concentram o maior número de horas: (84) consumo de mídia de massas e (85) atividades associadas à reflexão e descanso. Trata-se, sobretudo, de atividades desenvolvidas no ambiente



doméstico, e que estão vinculadas ao repouso ou a uma tentativa de recuperação das energias para o novo dia de trabalho que virá.

Vale, nesse sentido, trazer a dinâmica de vida de mais um dos motoristas entrevistados: Ramiro inicia sua jornada nos aplicativos no período da manhã, logo após levar a sua esposa para o trabalho. Relatou não vivenciar atividades de lazer nos dias típicos de trabalho, mesmo a televisão acaba sendo ligada “apenas para dormir”. Organiza seu dia de folga para as segundas-feiras, tanto para descansar da dinâmica do final de semana, como por ser um dia, em sua avaliação, de menor movimento.

No bloco quatro do roteiro de entrevistas, em um dos momentos de preenchimento dos diários de uso do tempo, foram realizadas perguntas sobre o tempo livre e o lazer¹⁶. Tais perguntas buscaram uma aproximação com as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores nessas dimensões da vida cotidiana. Essa organização se mostrou importante, já que o atrelamento dos diários de uso do tempo e da entrevista colaborou para a nítida distinção do que os trabalhadores almejam para o tempo livre e para o lazer e as atividades que de fato são praticadas e vivenciadas nos dias indicados. A sequência do diálogo com Ramiro expressa bem essa questão:

Pesquisador: Ramiro, o que você gosta e o que costuma fazer de atividades de lazer?

Entrevistado: Geralmente quando eu tô numa atividade de lazer eu gosto muito de sair com os meus meninos, né? Pra pegar um cinema. Pra ir pra praia. Eu gosto muito de videogame também. Quando eu tô aí em casa, quando eu não saio, esse é meu lazer. Um livro, eu gosto de ler.

Pesquisador: Você lembra qual foi o último livro que você leu, e quando que foi?

Entrevistado: Rapaz, o meu último livro que eu li... Gente, já faz uns meses já.

Pesquisador: E a última vez que você foi no cinema?

Entrevistado: No cinema eu fui, já faz um tempinho na minha vida. Faz um tempinho também já [...]

Pesquisador: E a última vez que você foi pra praia?

Entrevistado: Eita! Praia já faz um tempinho. Faz um tempinho (Ramiro – Motorista).

Em suma, os diários de uso do tempo, alinhados às entrevistas semiestruturadas, possibilitaram identificar um processo de colonização das demais dimensões da vida pelo tempo de trabalho, que se materializa, para além da ocupação direta em corridas ou entregas, por meio de todos os tempos dedicados à atividade laborativa. Trata-se, como anteriormente discutido, do movimento que se expande no Brasil desde a década de 1990, com a flexibilização e intensificação laboral e que culmina, por claro interesse dos

¹⁶ O quarto bloco do roteiro de entrevista, tanto para os motoristas como para os entregadores, foi composto por 10 questões.



detentores do capital, na reaproximação dos tempos e espaços de trabalho e não trabalho (Antunes, 2018; Cardoso, 2017; Krein, 2007).

Decerto que a sistematização dos diários de uso de tempo não expressa uma fotografia exata da dinâmica do tempo livre e das atividades de lazer dos trabalhadores investigados. Todavia, do mesmo modo que os diários oferecem uma importante fonte de informação para a interpretação das tendências relacionadas ao tempo de trabalho, colaboram para a compreensão dos tempos sociais nas demais esferas da vida cotidiana.

4 Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposição, na perspectiva qualitativa, para a apreensão do tempo livre e das vivências de lazer a partir da utilização de diários de uso do tempo e entrevistas semiestruturadas. Para tal, em diálogo com uma experiência de pesquisa com trabalhadores uberizados, foi realizado o detalhamento desse diário, assim como as possibilidades de apreensão das diferentes dimensões da vida cotidiana por meio da utilização desse instrumento de pesquisa.

Os estudos sobre os usos do tempo no Brasil, além de incipientes, estiveram, em grande medida, baseados em dados amostrais e na análise do tempo de trabalho. Sem desconsiderar a importância de pesquisas dessa natureza, foi argumentado que a análise dos usos do tempo por meio de uma abordagem qualitativa viabiliza acessar as especificidades da construção e da organização dos tempos sociais do grupo que se pretende investigar.

Nessa perspectiva, o uso conjunto de entrevistas e diários de uso do tempo, além de proporcionar a compreensão do tempo dedicado ao trabalho como um todo, abarcando o tempo de deslocamento, a preparação/manutenção dos meios de trabalho e o período de espera/pausa entre diferentes tarefas, traz à tona, com maior riqueza de detalhes, as atividades desenvolvidas pelos sujeitos investigados em todas as dimensões da vida.

Apesar dos exemplos trazidos ao longo do artigo versarem sobre os uberizados, a análise dos usos do tempo proposta não se restringe a essa ou a outras ocupações precárias. Frente às mudanças cada vez mais profundas no mundo do trabalho, com processos de flexibilização e intensificação laboral, pesquisas que se propõem a investigar a vida dentro e fora do trabalho ganham relevância. Nessa perspectiva, as discussões aqui apresentadas, para além do campo do lazer, buscaram trazer contribuições para a área de



métodos de pesquisa no sentido de detalhar uma proposição para a apreensão das diferentes esferas da vida cotidiana, entre elas o lazer, de diferentes grupos sociais.

Como colocado, as técnicas de aplicação de pesquisas de uso do tempo são diversas. No estudo apresentado, por conta das condições objetivas de vida dos trabalhadores uberizados, foram preenchidos apenas dois diários, o do dia típico de trabalho e, de forma rememorativa, o diário do último dia de descanso. Trata-se de um limite da pesquisa, afinal, além dos diários terem abarcado apenas dois dias da semana, as entrevistas rememorativas tendem a ser menos precisas do que o preenchimento feito no próprio momento ou dia de realização da atividade.

A partir do levantado, depreende-se a necessidade dos diários de uso do tempo serem mais explorados a partir da perspectiva qualitativa, a fim de lapidar e adequar o instrumento de pesquisa à realidade de cada investigação. Da mesma forma, pondere-se a possibilidade de pesquisas com outras categorias de trabalhadores e outros grupos sociais, assim como a utilização dessa técnica de pesquisa com enfoques de raça e gênero.

Referências

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.

AGUIAR, N. Mudanças no uso do tempo na sociedade brasileira. **Revista de ciências sociais-política & trabalho**, [S.l.], v. 34, abril de 2011, p. 73-106.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAYA, M. J. **Un acercamiento a las encuestas sobre el uso del tiempo con orientación de género**. Santiago de Chile: Cepal – Unidad Mujer y Desarrollo, 2003.

BARBOSA, A. L. N. de H. **Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer**: uma análise da alocação do tempo no Brasil. Texto para Discussão, n. 2416/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: Ipea, 2018. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9310/1/td_2416.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022

BARAJAS, M. de la P. L. Avanços na América Latina na medição e valoração do trabalho não remunerado realizado pelas mulheres. In: FONTOURA, N.; ARAÚJO, C. (org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 21-42.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista brasileira de estudos populacionais**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.

CAMPOS, A. G. **Trabalho e tempo livre**. Brasília: Ipea, 2012. Texto para Discussão, n. 1767/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2012. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1083/1/TD_1767.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.



CARDOSO, A. C. M. **Tempo de trabalho, tempos de não trabalho**: vivências cotidianas de trabalhadores. 2007. 354 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDOSO, A. C. M. Direito e dever à desconexão: disputas pelos tempos de trabalho e não trabalho. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 62–85, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2756>. Acesso em: 5 jan. 2021.

CAVALCANTI, L. G. A.; PAULO, M. A.; HANY, F. E. S. A Pesquisa piloto de uso do tempo do IBGE 2009/2010. Seminário Internacional Fazendo Gênero IX: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1–10.

CEPAL. Classification of time-use activities for Latin América an de Caribbean (Cautal). Cepal-México. **Instituto Nacional de Estadística y Geografía**. Mai. 2016. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/7dfd3129-d685-4376-9d02-a613bdf4b34e/content>. Acesso em: 02 dez. 2022.

CYRINO, R. A gestão do trabalho doméstico entre as mulheres executivas: um exemplo de combinação de dados de uma pesquisa de Usos do Tempo com metodologia qualitativa. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [S. l.], v. 34, n. 34, p. 145-162, abr. 2011.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FONTOURA, N; PINHEIRO, L.; GALIZA, M.; VASCONCELOS, M. Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. Niterói, **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 11-46, jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22409/reuff.v12i1.34823>

GOMES, C. L. Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.119-126.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: notas técnicas – versão 1.7. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101708_notas_tecnicas.pdf. Acesso em 25 abr. 2020.

KREIN, J. D. **Tendências recentes nas relações de emprego no Brasil, 1990-2005**. 2007. 347 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARCASSA, L. **A invenção do lazer**: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). 2002. 204 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MARCASSA, L. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 15., 2003, Santo André. **Anais...**Santo André: XV ENAREL, 2003. p. 01-08.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática da liberdade**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

MTUS. Multinational Times Use Study. **User Guide**. Out. 2020. Disponível em: https://www.timeuse.org/sites/default/files/2021-02/User%20Guide_2021.pdf. Acesso em: 02 dez. 2022.



NEUBERT, L. F. Disposições Sociais e Usos do Tempo para Lazer. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 102-113, jul./dez. 2013.

PADILHA, V. **Tempo Livre e Capitalismo**: Um Par Imperfeito. Campinas – SP: Alínea, 2000.

PADILHA, V. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. **Lazer e trabalho**: um único ou múltiplos olhares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 243-266.

PADILHA, V. **Desejos e hábitos de consumo**: um estudo sobre o papel do consumo na construção de referências identitárias de jovens portugueses. (Relatório de Pesquisa - Fapesp). Ribeirão Preto, São Paulo, 2021.

PEIXOTO, E. M. de M. **Estudos do lazer no Brasil**: apropriação da obra de Marx e Engels. 2007. 362 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SILVA, L. F.; MORENO, J. C. de A.; VERALDO, K. C. Relações com o trabalho. In: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **O lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas-SP: Autores Associados, 2017. p. 49-64.

SILVESTRE, B. M.; AMARAL, S. C. F. Precários no trabalho e no lazer: um estudo sobre os professores da rede estadual paulista. Porto Alegre, **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25014, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.86965>.

SILVESTRE, Bruno Modesto. **"Eu trabalho no meu tempo livre"**: lazer e cotidiano sob a uberização - quando o trabalho toma conta da vida. 2023. 1 recurso online (346 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/14951>. Acesso em: 09 abr. 2024.

SOARES, C.; SABOIA, A. L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. (Texto para Discussão, n. 21). Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

SZALAI, A. **The use of time**: daily activities of urban and suburban populations in twelve countries. The Hague: Paris, Mouton & Co., 1972.

STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **O lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas-SP: Autores Associados, 2017.

UNITED NATIONS. **Guide to Producing Statistics on Time Use**: Measuring Paid and Unpaid Work. 2005. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesf/seriesf_93e.pdf. Acesso em: 09 abr. 2020.

UNITED NATIONS. International Classification of Activities for Time-Use Statistics **2016**. United Nations - Department of Economic and Social Affairs Statistics Division. New York, 2021. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/gender/timeuse/23012019%20ICATUS.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

WAICHMAN, P. **Tempo livre e recreação**: um desafio pedagógico. Tradução de Jorge Peres Gallardo. Campinas-SP: Papyrus, 1997.

Recebido em: 21 de maio de 2024.

Aceito em: 16 de agosto de 2024.